

# «Renamo branca» e os portugueses na África do Sul

por Maria de Lourdes Torcato, da AIM, em Joanesburgo

N. 27/6/91

A morte do académico sul-africano, David Webster, foi pela primeira vez ligada ao nome de um homem de negócios português, de nome Arlindo Maia.

Arlindo Maia possui empresas de importação e exportação, entre as quais a "Getra" e a "Frama Intertrading", que mantêm negócios com empresas de Maputo.

Nurr programa da cadeia de televisão privada "M-Net", no domingo à noite, foram exibidos vários documentos, pertencendo ao processo da morte de David Webster, em que se ligam as investigações deste, no norte da província do Natal, à existência de uma "Renamo branca", ligando-a ao nome de Arlindo Maia e a uma rede de abastecimento à Renamo a partir de Kosi Bay, do outro lado da praia moçambicana da Ponta d'Ouro.

Arlindo Maia, em contacto telefónico com Ruda Landman, a jornalista que conduziu a investigação, negou peremptoriamente ter alguma coisa a ver com o assunto.

A morte de David Webster, no dia 1 de Maio de 1989, assassinado a tiro à porta da sua casa em Troyeville, Joanesburgo, estava a ser investigada

como acção do Bureau de Cooperação Civil (CCB), uma unidade operativa clandestina das forças armadas sul-africanas (SADF).

Na altura apenas ficou provado que David Webster estava a ser seguido por um sector de inteligência, ligado ao CCB, no município de Joanesburgo.

O referido programa revela que as investigações da comissão "Harms", encarregada de conduzir o inquérito, não foram conclusivas da ligação do assassinato ao CCB, e que existe a hipótese de ter-se tratado de um assassinio por contrato. Dois investigadores, um privado e outro antigo membro do CCB conduzindo investigações secretas para o conselho municipal de Joanesburgo, dizem no programa "Carte Blanche" da "M-Net", à jornalista Ruda Landman, que o assassinato pode ter sido cometido por elementos dissidentes do CCB, a troco de um pagamento de 960 mil randes e por encomendas de uma entidade privada.

A "Renamo branca" que os investigadores dizem ser constituída por homens de negócios portugueses que tiveram no passado interesses económicos em Moçambique, poderia ser essa entidade.

O nome de Arlindo Maia aparece porque aparentemente é o único que os investigadores conhecem com ligações às SADF e à dita "Renamo branca".

Não é apresentada nenhuma prova concreta contra ele mas afirma-se que as suas companhias serviriam de "frente" das SADF para o fornecimento de armas, veículos e mercadorias à Renamo, através de um entreposto secreto situado em Kosi Bay.

David Webster, que conduzia um trabalho de investigação antropológica na região norte do Kwazulu, teria descoberto não só este entreposto com bases secretas de treino militar e teria passado essa informação ao Governo moçambicano, dizem os investigadores.

Na altura em que o caso era ventilado na imprensa dizia-se que David Webster passara esta informação a um académico do Centro de Estudos Africanos em Maputo, mas que não foi mencionado pelo nome.

Esta nova teoria vai ser posta ao Procurador-Geral, já que não só a família como um grupo oriado por colegas e amigos de Webster se dedica a manter vivo o assunto até que seja estabelecida a verdade no assassinato do académico.

Não é a primeira vez que a actividade de Arlindo Maia é assunto na imprensa que anteriormente focou principalmente as suas ligações com as SADF e os seus negócios com empresas de Moçambique.

O diário "Star", de Joanesburgo,

publicou em 1990 um artigo com a foto de um barco alegadamente ancorado na baía de Pemba, na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, descrevendo-o como um que é usado pela empresa de Maia no transporte de madeira de Moçambique.

Este barco teria sido comprado através das SADF, que afirmaram, durante o inquérito "Harms", ter terminado as ligações comerciais com as empresas Maia em 1984, o que é contestado por antigos associados do empresário.

Maia admitiu a uma fonte que pediu o anonimato, em Joanesburgo, que trabalhou com as SADF em negócios com a UNITA, mas nega que tenha havido ligações com a Renamo.

Estas ligações seriam de facto embaraçosas dadas as suas actuais relações com empresas moçambicanas. Queixas contra Arlindo Maia colocadas na Polícia sul-africana, no departamento que investiga fraudes ou práticas ilegais em negócios, não prosseguiram por falta de provas.

O intrigante no assassinato de David Webster, que os investigadores consideram ter sido lavado a cabo com extrema perícia, é que não aparecem testemunhas com um só facto que possa ajudar as investigações, apesar de prémios em dinheiro terem sido oferecidos a quem contribuisse para a descoberta e prisão dos responsáveis.

Mas os que conheceram David Webster como um homem de bem que denunciava o "apartheid" e a injustiça, e nomeadamente a sua família e amigos, têm esperanças que a teoria agora apresentada possa ser investigada para que seja feita a justiça.